REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 866

20 DE JANEIRO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsave Caetano Alberto da Silva.

D. PRAXEDES MATEO SAGASTA

FALLECIDO EM 5 DO CORRENTE

CHRONICA OCCIDENTAL

Treme o frio em cada membro!

Se o Castilho soubesse o que havia de ser este janeiro, não nos tinha falado no tal dezembro, apesar das lindas rimas com que costumava fazer seus malabares melhor que ninguem.

Tem sido este inverno dos mais rigorosos.

Se até vimos um politico, em tempo de camaras abertas, fazer sua correspondencia para um jornal do Porto, apenas sobre o frio!

Nem se fala d'outra coisa. De frio é que se queixam os deputados em S. Bento e os amadores de musica em S. Carlos.

Nada nos aquece.

E' ver os theatros. Elles bem fazem diligencia, mas qual! Não ha meio de vermos, seja em que theatro fôr, uma d'estas peças de estalo, á antiga, que durante dias se não fale d'outra coisa. As peças agradam, não ha duvida, o desempenho é digno de applauso; mas vá lá um homem dar palmas com as mãos cheias de frieiras e bravos com o queixo a tremer!

E' do tempo, não ha duvida.

Tambem nas camaras se esperavam grandes combates, logo ao abrir das sessões, mas não bastam não sei quantos caloriferos disseminados por todo o edificio para aquecer os paes da patria.

Estamos em Lisboa ou na Siberia? dizem elles. E confusos com o thermometro e a geographia, esperam que lhes traga melhor estro a primavera.

Uma d'estas noites, em que ao frio se juntou uma neblina lugubre e penetrante, passou junto de mim um desgraçado pagem, de meias enrugadas e botins de elastico, d'estes que frequentam os bailes de mascaras com a doida ambição d'um meio bife... para aquecer.

Coitado! Lá ia á meia noite calcando a lama do Rocio, para dar á perna n'uma contradança desenfreada á espera do aquecimento.

Tambem essa é uma das maneiras, e das mais empregadas nos tempos que vão correndo. De mais é um meio barato.

Mas não nos parece comtudo que idéas carnavalescas sejam sufficientes para desenregelar o sangue. Bom é sempre, entretanto, principiar pelos calcanhares.

Assim iria philosophando o pagem por cima do mosaico enlameado, á luz mortiça dos candeeiros de gaz.

O porquissimo carnaval do anno passado deu animo a que certos homens de bom gosto pensassem a serio em modifical-o agora.

Guerra ao lixo! foi o grito de guerra.

A odiosa memoria ainda existia do que se havia passado n'essas ruas de Lisboa e até no proprio theatro de S. Carlos, onde o entrudo se jogou com pós de gomma, farinha, siphões e chá com torradas! Trez dias depois, ainda a sala não estava em estado de receber os espectadores!

D'ahi a idéa de regenerar o carnaval. Fez-se-lhe junta e concordou-se que ainda estava em estado de melhorar.

Se nos fosse permittido um conselho, diriamos que o melhor era mudança d'ares. Agora que se fala tanto em caminhos de ferro africanos, porque não o mandam para o Lobito ou para Malange? Estamos convencidos de que se daria admiravelmente com os pretos.

Cá voltamos ao frio. E' talvez por culpa d'elle que a idéa não aquece.

O programma deixa frio o espectador que ha de gosar o que lhe promettem, batalha de flores, bellas mascaradas com premio, excellentes philarmonicas espalhando por essas ruas a alegria decretada. Haverá comboios a preços reduzidos, do Porto e do Algarve, para todo o provinciano que ouvir estalar os foguetes. Mas só uma viagem por ahi fóra com o frio que faz!

Ora ahi estava uma boa mascarada: o enterro do chéché, que se faria como o do antigo bacalhau, sem que nada lhe faltasse, nem sequer prégador a dizer-lhe o elogio funebre, final.

Nunca assim vimos janeiro mais desanimado. Andam as senhoras com os lindos biquinhos côr de rosa enterrados nos bichos do pescoço e os homens de golas levantadas até ás orelhas. Não ha quem nos mexa para coisa que seja capaz; não ha esporada genial; nem se mexeriam talvez com aquella celebre sovela que trabalhou n'uma eleição memoravel, em Arruda, se não mentem minhas recordações historicas.

Nem sequer da alta roda, embora tão proximo venha o carnaval, chegam noticias de possiveis enthusiasmos. Fala-se d'um ou d'outro baile, mas como de coisa muito incerta.

Teem sido muito concorridas as *matinées* em casa dos ministros da Allemanha, srs. Condes de Tattenbach.

Os concertos em S. Carlos promettem atrahir os amadores. O primeiro a realisar-se é no dia 3 do mez proximo. N'um d'elles será cantada a *Damnation de Faust*, obra prima de Berlioz, sendo seus executantes Tetrazzini, Franceschini, Strucciani e Rossi. Os córos serão augmentados.

O gosto pela musica vai-se felizmente desenvolvendo em Lisboa, onde os bons concertos começam a atrahir concorrencia, o que não era de esperar em vista da indifferença que o publico, ha alguns annos, mostrava pela melhor de todas as musicas.

Alguns dos ultimos concertos realisados em Lisboa bem provam o que affirmamos.

Muito deve o progresso da musica entre nós á intelligencia e boa vontade da sr.ª Condessa de Proença-a-Velha, que tão dedicada pela mais bella das artes se tem revelado e em sua casa tem ensaiado e feito executar excellentes córos. No seu livro *Os nossos Concertos*, nos mostra a sr.ª Condessa como intelligentemente organisa os seus programmas.

Assim os espectaculos publicos pudessem atrahir a attenção dos que amam a arte e já começam a mostrar-se fartos d'aquillo com que os engodam e não é menos venenosa falsificação que a das farinhas, cafés, chouriço e outras de infame memoria.

O publico anda frio, frio tal qual o tempo n'este rigoroso janeiro que vamos atravessando. Anda tudo a pedir um bocadinho de calor e não sabemos a alegria que será no proximo dia de sol bom, que se deixe gosar sem as navalhas que nos cortam agora as orelhas quando vamos rua do Oiro ou Avenida acima.

Os moiros com seu sultão á frente, esses sim, teem apanhado um magnifico calor, que não diremos invejavel, e que os teem feito lançar mão de todos os meios usados pelos comediographos francezes, para arranjar segundos actos de effeito.

Até, segundo se diz, foram arranjar um vesgo para fingir d'outro vesgo e, descoberta a tramoia, ainda se sahiram com fantasia invejavel.

Que nomes ouvimos agora tão repetidos e sem uma só commoção!

Entretanto como andam ligados á nossa historia! que scenas tragicas ou heroicas nos recordam!

Quem diz Ceuta que se não lembre da sua conquista e das primeiras glorias, em Africa, das armas portuguezas! Todos os filhos de D. João I n'aquella costa se illustraram, todos n'ella deixaram nome.

Depois de Ceuta, já em tempos de El rei D. Duarte, foi Tanger que elles cubiçaram. Quem ignora a derrota que soffreram e como, em refens da palavra dada, lá ficou o Infante D. Fernando, que, em Fez, veiu a morrer miseravelmente?

Como hoje pronunciamos esses nomes! Como estamos longe de sermos uma das nações interessadas n'este conflicto, que se dá agora entre o sultão e os insurrectos e que tanto nos lembra o que em tempos de D. Sebastião surgiu entre o Moluco e seu sobrinho Muley-Hamet!

Ceuta ficou nas mãos dos hespanhoes pelo tratado de paz que Portugal celebrou com Hespanha depois da guerra da restauração; Tanger fez parte do dote que a Infanta D. Catharina, filha de D. João IV, levou a seu marido, Carlos II, rei de Inglaterra.

Talvez hoje lucremos com isso.

E d'ahi, com o frio que faz, um calorzinho talvez não soubesse mal.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

D. PRAXEDES MATEO SAGASTA

A Hespanha acaba de prestar as derradeiras homenagens a um dos seus mais eminentes estadistas, D. Praxedes Mateo Sagasta, fallecido em 5 do mez actual.

Poucos como elle tiveram uma vida mais accidentada na politica, onde esgrimiu com a espada, com a penna e com a palavra, até elevar-se a esse grande pedestal d'onde a morte o foi derrubar com um sopro, a elle que havia feito tremer uma monarchia.

«A sua vida, descreve um dos jornaes mais considerados de Madrid, foi a um tempo mixto de gloria e de agitação, illuminado por vezes com os reflexos alegres do triumpho, outras ensombrada pelas tristes consequencias das discordias tragicas; foi uma vida acompanhada no seu percurso pelo tumulto clamoroso de esforços e desalentos; de combates e perseguições; de ruinas e de victorias; uma vida que chegou ao seu occaso na inilludivel declinação a que nos arrasta o tempo, entregando-nos prisioneiros á invalidez, envolvendo-nos o coração e o pensamento na bruma das inconsolaveis tristezas, percursoras do fim irremissivel».

Perante a morte todas as bandeiras contrarias se abateram, e a imprensa periodica, tanto das provincias como de Madrid fez justiça ao talento politico de Sagasta, aos seus altos dotes de estadista e um dos mais poderosos esteios da monarchia hespanhola.

* * *

D. Praxedes Mateo Sagasta nasceu em Torrecilla de Cameros, provincia de Logroño, a 21 de junho de 1827. Fez os seus estudos na Escola de Engenheiros, de Madrid, onde se matriculou aos 15 annos, filiando-se quasi ao mesmo tempo no partido progressista.

Por occasião do movimento revolucionario operado em 1848, em França, a direcção da mesma escola dirigiu á rainha, a exemplo d'outras corporações, uma mensagem de adhesão firmada pelos cathedraticos e alumnos, que Sagasta se eximiu em assignar.

Em 1854 foi eleito deputado por Zamora, tendo feito parte da junta revolucionaria, ao iniciar-se o movimento d'aquelle anno.

Entrando na insurreição de julho de 1856, foi obrigado a refugiar-se em França, mas aproveitando-se da amnistia d'O'Donnell, regressou a Madrid, onde exerceu o logar de professor da escola de engenharia.

Em *La Iberia*, de que foi um dos redactores fundadores, defendeu a conveniencia e as vantagens que trariam ao paiz uma monarchia constitucional baseada em instituições democraticas; por morte de Calvo Asensio tornou-se o director e o proprietario de *La Iberia*.

Em 1859 foi reeleito deputado, tomando parte activa nos debates em que se manifestou o verdadeiro tribuno: franco no ataque, energico na phrase, bello na forma, possuidor d'um coração enthusiasta e d'uma intelligencia esclarecida.

Em todos os seus discursos n'essa viva campanha contra O'Donnell, mostrou-se fervente partidario de todas as liberdades, sendo o seu mais fervoroso paladino.

Os esforços de O'Donnell para apasiguar a forte opposição progressista foram inuteis, esterilisando-se contra a attitude de Sagasta, que patrocinava o systema revolucionario nas columnas de *La Iberia*, nas juntas do *comité* e nas reuniões secretas.

Em rasão, pois, da sua attitude revolucionaria foi companheiro do general Prim, quando se sublevou em Villarejo, em 1866.

Com o general Prim veiu a Portugal, e, passando depois a Londres, seguiu com elle para França, onde recomeçaram com mais ardor os trabalhos da conspiração.

Sagasta tomou a seu cargo entender-se com os sargentos das brigadas de artilharia, aquartelladas em S. Gil, para isso foi a Madrid, e, com grande risco da sua vida, obteve que os artilheiros, secundados pelo povo, se sublevassem em 22 de junho de 1866.

Abortado aquelle movimento foi condemnado á morte, fugindo então para França, onde, ao lado de Prim e de outros emigrados, preparou um novo movimento.

Escrevendo artigos violentos contra a pessoa e dynastia de Isabel II, recrutando gente e organisando planos sedicciosos viveu os annos de 1866 a 1868 em terra estrangeira, recusando as propostas que os partidarios de D. Carlos lhe fizeram para que apoiasse a causa do pretendente, a pretexto de que este acceitava a soberania nacional.

Em 1868, dias antes de estalar a revolução de setembro, chegou Sagasta a Gibraltar para esperar o duque da Torre e outros generaes, com os quaes desembarcou em Cadiz.

Triumphante a revolução e organisado o governo provisional sob a presidencia de Serrano, Sagasta obteve a pasta do interior, sendo um dos seus primeiros actos a famosa circular que dirigiu aos governadores em 8 de outubro de 1868.

Realisadas as eleições para as constituintes, foi eleito deputado por Madrid, Logroño e Zamora.

Sagasta, que tinha feito as eleições pelo suffragio universal, do qual se declarara partidario, bem como de outras reformas liberaes, perdeu muito da sua popularidade ao combater os republicanos e ao dirigir aos governadores, em setembro de 1869, uma circular que limitava os direitos de reunião e associação, consolidando o principio monarchico.

Em 1870, cedendo aos rogos de Prim, que então presidia aos conselhos da corôa, deixou a pasta do interior encarregando-se da do Estado, organisando completamente os serviços dependentes do ministerio, celebrando vantajosos tratados do commercio.

Votou, em 17 de dezembro, a candidatura de D. Amadeu para rei de Hespanha.

Foi ministro dos estrangeiros e do interior no primeiro gabinete de Amadeu, 4 de janeiro de 1871, e durante o reinado d'esse principe tomou parte em algumas combinações ministeriaes quer como membro, quer como presidente do conselho.

Em 1872, sendo presidente de conselho, dissolveu as côrtes e fez as eleições geraes, demorando-se pouco tempo no poder, onde só voltou pelo golpe de Estado de Pavia, em 3 de janeiro de 1874, fazendo parte d'um ministerio de conciliação presidido pelo duque da Torre, ao qual substituiu como presidente de conselho, sendo surprehendido no poder pela sublevação de Sagunto, em que foi proclamado D. Affonso XII.

Fóra por algum tempo da politica activa, voltou a ella em 1875, declarando-se francamente Affonsino e organisando o partido constitucional, que o elegeu seu chefe, mostrando-se então Sagasta partidario da revolução de 1869.

Tomou assento nas côrtes de 1876, combatendo os defensores d'uma nova constituição, fazendo rude opposição aos ministerios conservadores que se succederam. Em 1879 formou com Martinez Campos e Alonso Martinez o partido fusionista, que o proclamou seu chefe, acceitando a constituição de 1876, porem com o espirito da de 1869.

Em 1881 obteve o poder e organisou um gabinete liberal, que depois de varias vicissitudes se demittiu em meiados de 1883.

N'este periodo Sagasta havia reintegrado nas suas cadeiras, os que as haviam perdido por motivos politicos, affirmando-se sempre um espirito liberal em todos os seus actos.

A sua quéda foi provocada pelo pronunciamento republicano de Badajoz e S. Domingos de la Calzada, que elle dominou mandando fuzilar varios dos sediciosos.

Por morte de Affonso XII foi chamado de novo ao poder, exerceu o cargo de presidente de conselho até junho de 1890, dando consistencia ao throno com as suas reformas democraticas, que deram o ingresso dos possiblistas na monarchia.

Um dos actos que tornou mais sympathica a regencia, foi o perdão concedido a Villacampa, aconselhado por Sagasta.

Em 1892 foi de novo chamado aos conselhos da corôa, intervindo nos successos de Melilla, não sendo esta a derradeira calamidade que o surprehendeu nos ultimos annos da sua carreira politica, sendo a mais terrivel d'ellas todas a insurreição cubana, que em 1898 se declarou em Baire, da qual resultou a guerra com os Estados-Unidos e a perda das colonias hespanholas.

* * *

A morte de Sagasta trouxe a scisão no partido liberal hespanhol, e a opinião geral é de que este

se dissolverá, fundando-se outro com elementos novos e democraticos.

A dar-se este facto, affirma-se como certo, que se retirarão da politica muitos liberaes, e essa resolução collocará em difficuldades a rotação dos partidos monarchicos no poder.

A GUERRA CIVIL EM MARROCOS

Os ultimos acontecimentos que se teem desenrolado em Marrocos, levaram a nossa imprensa periodica a dar d'este imperio noticias circumstanciadas, não só das phases d'essa guerra, que a principio tanto preoccupou algumas das potencias europeas ali interessadas, como dos seus usos e costumes, verdadeiramente primitivos, illustrando os jornaes com as suas paysagens, os seus monumentos e com o que por ventura Marrocos tem de pitoresco.

D'ahi o nosso desejo de darmos tambem aos leitores algumas gravuras interessantes e que são da mais palpitante actualidade.

Ha quem assegure que a actual sublevação, que degenerou em guerra civil, teve origem nas tendencias europeias do sultão Muley Abd-el Aziz,(*) e que é filho do intenso fanatismo que domina os espiritos ainda os mais cultos.

Effectivamente basta percorrer as descripções dos costumes d'este povo, para ver o estado de atrazo a que esse fanatismo o traz condemnado, sendo talvez, sufficiente citar o facto da distruição das balisas, que marcavam a primeira estrada projectada, para se ver o horror que Marrocos tem ás tentativas modernas.

Representa uma das nossas gravuras um bazar de escravos, bazares que ali são proverbiaes por que em Marrocos é continua a importação d'esses infelizes, sendo especialmente o commercio de mulheres que está ali mais desenvolvido.

São os pequenos sobas do Sudão de oeste que se encarregam de fornecer a *materia prima*, pode assim chamar-se-lhe, aos chefes das caravanas, que exercem esse trafico a troco de quinquilherias e bugigangas de todas as especies.

Algumas raparigas captivas são Circassianas, outras veem da Armenia e da Turquia.

E' eloquente a seguinte cotação d'esses mercados humanos, que transcrevemos a titulo de curiosidade.

Um rapaz de 6 annos a 8, 125 francos; uma rapariga branca, bem desenvolvida, 600 francos; uma preta de 15 annos, 200 francos; um negro robusto, 350 francos; uma rapariga circassiana de grande belleza, pode attingir 3:600 francos.

Ha occasiões em que o mercado desce muito, podendo então obter-se uma rapariga de 8 a 10 annos por 90 francos; uma mulher bonita por 200 francos; mãe e filhos por 700 francos, etc.

As nações que maior interesse teem demonstrado na marcha dos acontecimentos teem sido a Hespanha, França, Inglaterra e Italia.

N'esta ultima a questão de Marrocos provocou ali a principio tão vivo interesse que se chegou a pensar n'uma intervenção europêa para dar ensejo a resolverem-se outras questões mediterraneas, e em especial á occupação de Tripoli.

Na Inglaterra a sublevação de Marrocos apenas produziu um receio: que a França interviesse, e a Inglaterra temia não ter em Marrocos os meios que os francezes alli possuem, em razão de Gibraltar não ser um centro de operações mais poderoso do que a Argelia e Malta.

Parece ser ponto assente que foi a politica sagaz e previdente da Inglaterra que levou a impedir a intervenção estrangeira, por ver que n'essa intervenção não seria a sua parte o quinhão do mais forte, e a verdade é que se notou posteriormente a abstenção das potencias, tendo a mesma Hespanha mandado retirar um couraçado que já para ali havia mandado.

Esta abstenção, por accordo tacito, não só importou no reconhecimento de Muley-el-Roghli, commandante em chefe das tropas do pretendente Bu-Hamara, como belligerante, senão que ás potencias seria indifferente que o imperador actual fosse deposto e viesse Bu-Hamara occupar o seu logar.

Não é facil por isto de prever quando terminará a guerra, dados os elementos de força que contam os dois partidos.

EDOUARD COLONNE

O illustre e distincto musico que esteve ha pouco entre nós dirigindo os concertos da grande orchestra, que se realisaram no theatro de D. Amelia, é filho de Bordeus, nasceu em 1838, e tem 64 annos de idade.

Havia 20 annos que visitara a nossa capital, dirigindo uns concertos organisados em S. Carlos pela Associação musical 24 de Julho, tendo recebido por essa occasião o habito de S. Thiago com que o distinguiu o fallecido monarcha D. Luiz I.

A sua carreira musical é uma das mais gloriosas affirmações artisticas dos nossos dias.

No conservatorio de Paris alcançou o primeiro premio de harmonia em 1858, e o primeiro premio como rabequista em 1861.

Em 1871, sendo o primeiro violino da grande opera de Paris, fundou o «Concerto Nacional», que se denominou depois «Associação Artistica», nome que ainda conserva.

As sessões musicaes do Odeon e do Châtelet em que elle principiou a popularisar as obras de Berlioz e onde fez ouvir a primeira oratoria de Massenet, muitas producções de compositores francezes, até ali desconhecidos, e as obras de musicos estrangeiros celebres, como Ricardo Wagner, Tschoikowsky e outras, tornaram notavel o seu nome, e deram-lhe os fóros do artista prestigioso, que hoje é uma das glorias musicaes da França.

(*) Vidé traços biographicos, «Occidente» n.º 562 1 de Agosto de 1894.

D. MARIA II

(Concluido do n.º 865)

Pois se tantos homens illustres e valentes, que haviam servido a liberdade, se arreceiavam dos excessos d'ella, pois se os mais notaveis liberaes antigos, da emigração e da campanha, eram conservadores, que admira que as mesmas idéas seguisse a rainha, n'esses tempos em que ainda a voz da massa popular se não fazia ouvir tão clara, ou em que nos thronos não havia ouvidos tão apurados para escutal-a?

Conservadora era pois naturalmente a rainha, conservadora a côrte que a cercava, conservador o sequito do rei consorte, e em especial o allemão Dietz, que viera para mestre dos principes e a quem os odios do povo deram, mais tarde, notoriedade superior aos seus merecimentos.

De dentro d'esta atmosphera agitada de paixões politicas, em que a vida se passava entre a conspiração e a revolta, em que os corações fluctuavam entre o sentimento de vingança e a ambição do mando, em que os espiritos dos liberaes esqueciam os sacrificios do dia de hontem, para só cogitarem nas aventuras do dia de ámanhã; de dentro d'esta atmosphera, prenhe de ameaças, surge um homem de excepcional envergadura, tão plebeu de origem, como fidalgo de talento, que, depois de ter assustado as altas regiões com os seus impetos de demagogo, ascende ao poder, como ministro da constituição de 1838, e, mesmo do poder, a derruba, n'um lance audacioso, fazendo restaurar a carta em 1842, pondo-se aberta e denodadamente ao serviço do partido conservador e carregando impavido com o peso de todas as malquerenças, porque em politica não se acredita nas conversões e detestam-se as apostasias.

Costa Cabral, depois conde de Thomar, que veiu a morrer, em provecta edade, marquez do mesmo titulo, foi o homem da situação, o vulto dominante, o centro da acção politica, por um largo decurso de annos; e se o seu passado lhe trazia apontadas ao peito as coleras populares, a sua energia e talento de governo, a sua arte de corrupção de consciencias transigentes, o seu prestigio impozeram-o á admiração dos conservadores, de tal arte que os mais brilhantes generaes, os mais valentes commandantes de corpos, os fidalgos de mais altiva linhagem, os homens de mais robusto talento, os argentarios de melhor cotação no commercio, todos se tornaram satelites d'esse astro de primeira grandeza, que deslumbrou o paço com o seu brilho.

Por affinidade de caracteres, a rainha tinha encontrado o seu homem; por pendor de convicções politicas, tinha encontrado o seu ministro; por egoismo da conservação do throno, sempre vacilante entre a demagogia que começava a erguer o colo e o miguelismo que ainda não havia abatido bandeiras, tinha encontrado o seu defensor e sustentaculo.

Todas as sympathias que lhe concedeu, todos os sacrificios, que por elle fez á sua popularidade, se explicam e justificam; e nem a voz das revoluções, fallando alto, nem o sangue derramado nos campos de batalha quebrava essa fascinação; firmes, rainha e ministro, no plano de suffocar pela oppressão as aspirações democraticas.

Veiu a revolução de maio em 1846, e trouxe uma esperança aos progressistas, mas o ministerio formado caiu breve pela embuscada, de 6 de outubro, e a 9 sublevava-se o Porto, dando inicio á temerosa guerra civil, que, depois do erro dos populares se ligarem com os miguelistas, veiu a terminar com a intervenção das nações, aprisionando a esquadra ingleza os navios em que seguiam as forças progressistas e entrando as forças hespanholas pelo paiz dentro até ao Porto.

E, coisa notavel na historia das revoluções! esta, que se ateiou, que alastrou em todo o paiz, que foi a mais terrivel de quantas o ensanguentaram e que, no seu decurso, não raro causou sustos no paço, era levantada contra o homem que, desde maio, não estava pessoalmente no poder, e que só em 1849 voltou ao ministerio!

E' que a sua sombra omnipotente pairava em torno dos acontecimentos, dominando-os e dirigindo-os; é que Costa Cabral, sem ser ministro, continuava sendo o centro e a alma da resistencia conservadora.

Afastemos os olhos d'essas tristes paginas, em que a energia mascula de D. Maria II se affirmou, tanto como a sua antiga popularidade se ia esmaecendo, para vermos em nova quadra, um conjuncto de circumstancias felizes a pôr termo ao largo periodo das revoltas successivas, a assegurar a tranquillidade ao paiz, a restaurar em todo o seu esplendor o prestigio da rainha, que tivera o throno erguido sobre o coração dos portuguezes, que fôra, na juventude, a aurora da esperança, e veiu a ser, no precoce occaso, o symbolo da paz e do amor.

Domada, mas não vencida, a revolução popular em 1847, o notavel ministro, cujos processos violentos de governo o tinham feito odiado, não voltou logo ao poder, comquanto a situação se mantivesse francamente conservadora e francamente inspirada por elle; mas a fascinação pouco de mais que a prudencia, e estava escripto que quem melhor havia concorrido para mantel-o fôsse quem para sempre o derrubasse do fastigio da importancia politica a que ascendera.

Chamado ao ministerio em 1849, Costa Cabral, já então conde de Thomar, encontrou, de egual modo, adversa a opinião publica, e não tardou a malquistar-se com o duque de Saldanha, a mais valorosa espada do exercito. Na primavera de 1851, levanta-se uma revolta militar, quasi sem importancia e sem bandeira ao principio. O marechal vê mallograda a sua tentativa, e já vae caminho do exilio, quando o partido popular, apparentemente tranquillo, mas não adormecido, aproveita o ensejo, convida o prestigioso cabo de guerra a volver sobre os seus passos, prepara o pronunciamento no Porto, e abre nova era de prosperidades ao paiz e á rainha. A espada do marechal Saldanha, a astucia de Rodrigo da Fonseca e a brilhante iniciativa de Fontes Pereira de Mello, fazem o milagre. As côrtes votam o acto addicional, que foi uma transigencia entre as aspirações dos progressistas e as resistencias dos conservadores, os partidos depõem as armas, iniciam-se os melhoramentos moraes e materiaes, demasiado esquecidos entre o fragor das continuas batalhas, e a rainha, que fôra o idolo dos portuguezes, torna a encontrar, redivivo o amor dos subditos, que, por seu turno, encontram no paço o antigo maternal amor; desfaz-se, como o fumo, a lenda de que o principe real fôra educado no sentimento de aversão ao paiz, nasce, cresce, affirma se a popularidade do infante D. Luiz, e as virtudes pessoaes de D. Maria II, que nunca nem sequer foram maculadas com uma suspeita no mais vivo e aceso das paixões politicas, fulguram á luz da evidencia, como a mais sollicita das mães, como a mais santa das esposas, como a mais discreta educadora da prole e até como a mais cuidadosa dona de casa.

Aquelle espirito de partidarismo, servido pela energia de um caracter de antes quebrar que torcer, aquelle espirito altivo e voluntarioso, que fizera da rainha o chefe de um partido, a quem Passos José, na sua rude franqueza, dissera que sua magestade e elle eram os dois primeiros revolucionarios do paiz, aquelle espirito, nado e creado na agitação das revoltas e entre o rugir dos combates, dulcificára-o a experiencia, abrandára-o a reflexão, domaram-o os impulsos bons do affecto; e o pacto de alliança entre a corôa e o povo restaurou-se completo, leal, e sem restricções. A revolta aberta, tenaz, persistente dos progressistas depõe as armas; e o ministro, que, pelos seus actos de violento auctoritarismo, fôra a causa efficiente de muita agitação dos animos, de muito sangue derramado, foi, no estrangeiro, servir a patria com os altos dotes do seu talento e do seu saber, vindo a morte encontral-o quando todos os odios e resentimentos estavam extinctos e quando do doloroso passado não havia mais do que uma tenue recordação.

A guerra civil em Marrocos

O SULTAO ABD-EL-AZIZ

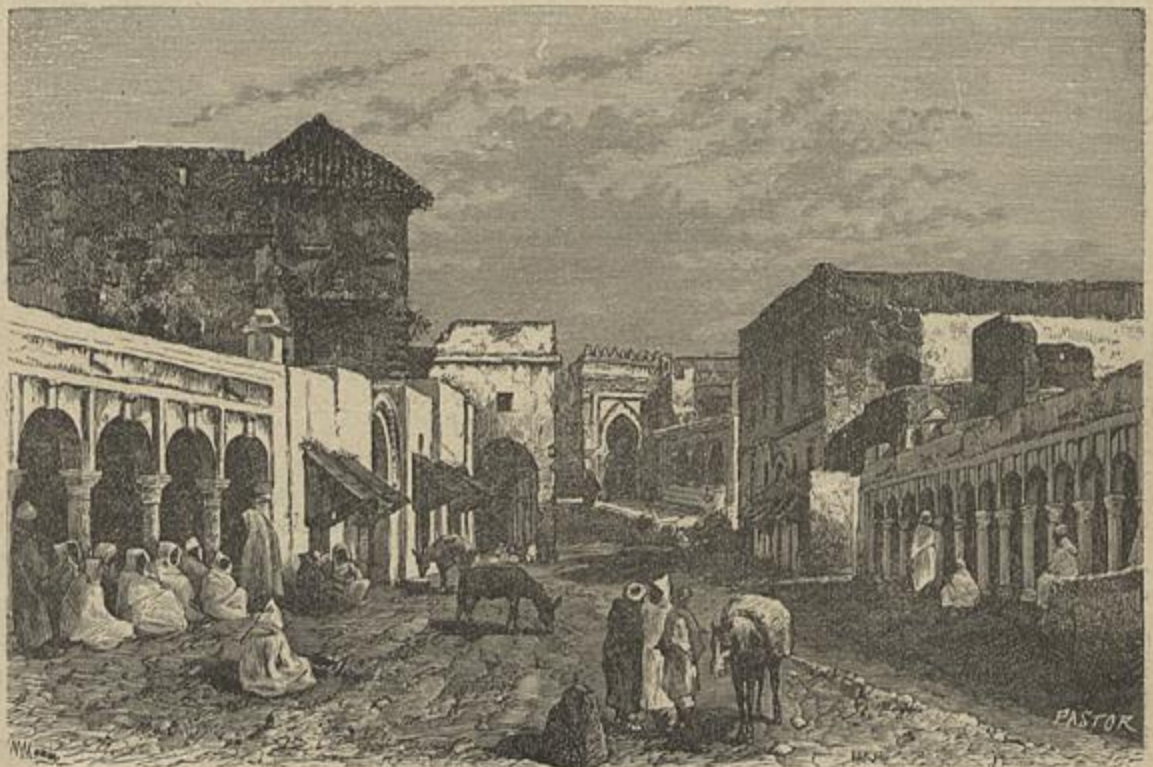
UM BAZAR DE FEZ

D. Maria II recomeçava a ser feliz.

Em 1852, fez a familia real uma viagem ás provincias do norte; e em Coimbra, onde a academia, que, no anno anterior, contribuira notavelmente para a revolta da divisão commandada por el-rei D. Fernando, se mostrára ainda fria e retraida, um ligeiro incidente, em que o bondoso coração da rainha se pôz em evidencia, transformou, de subito e logo á entrada da ponte, esse retraimento e frieza no mais caloroso enthusiasmo, na ovação mais delirante.

A rainha rejubilava e como que rejuvenescia, ao ver-se assim acclamada e festejada pela mocidade, por aquella mocidade, que, no correr dos annos e no succeder das gerações, é sempre a esperança e a promessa do futuro. Depois, em verdadeira marcha triumphal, e com acolhimento sempre enthusiasticamente affectuoso, seguiu a rainha para o Porto, que fôra o centro da resistencia progressista, como o havia antes sido da resistencia liberal, e d'ahi para o Minho, esse formosissimo jardim da nossa patria, e em Barcellos, correu grave risco, por motivo do incendio, ateado no palacio em que pernoitára, seguindo-se festivas e geraes acções de graça por ter toda a real familia saido incolume do accidental desastre.

Como, ao sentir reacender na alma nacional o fogo sagrado do enthusiasmo, a fidelissima memoria, que é condão da casa de Bragança, estaria representando a D. Maria II o dia da sua chegada a Lisboa em 1833, a revista passada ás tropas liberaes em 24 de setembro do mesmo anno, esses acontecimentos notaveis, que, menina ain-

UMA MARROQUINA

LARACHE

A guerra civil em Marrocos

TANGER

UM AGUADEIRO

MARROQUINO EM VIAGEM, DESCANÇANDO

MAQUINEZ

MELILLA

da, a haviam prendido ao amor do povo, pensando como, depois de tantos revezes da fortuna, tornava a encontrar, mulher feita, esse mesmo amor, que podia ter desvairado, mas nunca se alienou!

Se os caprichos da sorte houvessem assegurado a D. Maria II a herança de um throno indisputado, faria n'elle brilhar, do mesmo modo, as virtudes feminis, que a exalçaram e como que alli tomaram raiz, a ter condignas successoras em D. Estephania, em D. Maria Pia, na actual Rainha D. Amelia; mas não teria tido ensejo de experimentar e conhecer tão profundamente quanto era amada e querida d'esta patria, orgulhosa, mas affectuosissima, de que a má direcção da politica do tempo esteve a pique de divorcial-a; e se lhe houvesse cabido em partilha, em vez d'esse throno disputado e batido pelos vendavaes das ruins paixões, um lar tranquillo, tugurio ou palacio, livre das responsabilidades da posição official, sem ter envolto o nome e o espirito na agitação politica, teria sido a mais feliz, como foi sempre a mais exemplar das mães de familia, na serena beatitude da educação dos filhos, nos disvelos do affecto maternal, n'esses santos deveres, que, ainda no meio da tempestade, a rugir-lhe em volta em todo o percurso da existencia, lhe adoçavam os amargores d'alma, lhe davam esquecimento salutar ás preoccupações do animo, lhe calmavam a excitação febril, inevitavel contagio da época em que viveu.

Se fôra de espinhos a existencia de D. Maria II, tornára-se de rosas desde 1851; mas o destino não quiz que durasse muito essa quadra de felicidade; pois que em 1853, a 15 de novembro, exhalava o derradeiro suspiro, sendo sinceramente pranteada por todos os portuguezes, até mesmo por aquelles que nunca, obedientes ao seu crédo politico, a reconheram como rainha, mas a tinham como a mais santa das princezas e a veneravam como augusta sobrinha do seu rei.

As paixões, que não tinham respeitado a magestade da vida, emudeceram perante a magestade da morte, e quando uma pomba desceu a poisar sobre o feretro, que lhe conduzia os restos mortaes á ultima jazigo, viu no facto a crença popular que o symbolo do santo espirito baixára das ethereas regiões a cobrir com as candidas azas o corpo, onde se alojára uma alma formosa ou a levar lá para o alto dos mysterios insondaveis essa emanação da essencia divina, que se alava da terra, pura e sem macula, dentro da aureola luminosa da virtude

E a historia, severa e fria, ao inscrever nas suas paginas o nome de D. Maria II, diz que foi ella, pela energia do caracter varonil, digna da alta posição que occupou; pela sublimidade dos sentimentos, brilhante ornamento do sexo a que pertencia; pela condição humana, captiva de paixões e susceptivel de erros; pela missão historica que teve a desempenhar, desculpada das responsabilidades, que assumiu e que ao seu coração repugnariam; pelo amor do povo e ao povo, grande entre a brilhante serie dos monarchas portuguezes.

A. M. da Cunha Bellem.

O FUNERAL E A POMBA

A proposito da referencia a esse caso sensacional da pomba pousando sobre o feretro da rainha Senhora D. Maria II, feita no bello artigo do sr. dr. A. M. Cunha Bellem, de que hoje concluimos a publicação, damos em seguida a poesia do inspirado poeta João de Lemos, que se tornou celebre, por ser d'um adversario politico das instituições actuaes.

I

Que vae alem nos arraiaes contrarios?
De espaço a espaço a artilharia troa,
Mas não vomita na golfada ignifera
Rabidas balas!

A sentinella, perpassando, mostra
De cano á terra o arcabuz ocioso;
Ao meio d'haste a bicolor bandeira
Lugubre desce!

Que vae alem nos arraiaes contrarios?
Saudoso dobre de plangentes sinos,
Casado ao rufo de tambores roucos,
Ouve-se ao longe!

Lá vem... lá vem... um sahimento! Os crepes
Rojam por terra! O silencio é fundo,
E na fileira exequial as tochas
Tremulas fulgem!

Que dôr é essa nos arraiaes contrarios?
Com toda a tropa desdobrada em alas
Que perda choram, esmerando afflictos
Funebres pompas?!

Vão no cortejo os generaes, vae tudo,
Seus estandartes pelo chão se prostram
Sob a passagem do ataude, e gemem
Musicas tristes!

Que perda choram os arraiaes contrarios?
Dir-se-ha que a morte lhe arrancou sinistra
Da crença ao livro, n'um augusto nome,
Symbolo charo!

É certo... é certo... que distincto agora,
Por entre o escuro dos calados vultos,
Aureo diadema despediu aos olhos
Rapido brilho!

II

Soldados, que ha vinte annos
Com esforços sobre humanos
Batalhaes por vossa fé,
Soldados, eia, de pé!
Respeitem se aquellas magoas,
E do nosso pranto as agoas
Lavem d'odio o coração;
Não ha odios d'este lado,
Nem se deshonra um soldado
Quando abraça seu irmão.

Ponham-se treguas á guerra,
E ninguem manche esta terra
Ao pé da funérea luz;
Soldados, olhai a Cruz!
Demos pranto a quem prantêa,
Demos dôr á dôr alheia,
Nos dois campos lucto egual!
Nenhum, nenhum se envilece,
Unidos na mesma prece,
Junto á loisa sepulchral.

Solemne melancholia,
Seja n'hora da agonia
Nosso tributo cortez;
Que o tomem, que é portuguez!
Portuguez d'aquelles peitos,
Por tantos annos affeitos
Na lealdade a soffrer;
Portuguez, que vem das eras,
D'aquellas crenças sinceras
D'antes quebrar que torcer.

Que o tomem; e nós, soldados,
Ao vêl-os tão consternados,
Respeitemos-lhe a sua fé;
Amigos, eia, de pé!
Era o seu chefe e bandeira,
Diziam-n'a companheira
De infortunio e proscripção;
Comprehendemos, pois, seu grito,
Nós, soldados do Proscripto,
Vinte annos gemendo em vão!

A cada um sua crença e dôres,
Cada qual estreme as côres
Do pendão que traz por si;
Todo branco, é o nosso aqui.
Mas, se d'elle voz sagrada
Nos manda, por gloria herdada,
Ou morrer ou triumphar,
Tambem no alto do Calvario
Outro estandarte, um sudario,
Manda os tristes consolar.

Porque é de arraial opposto,
Não córa o tributo o rosto,
A quem o toma ou quem dá;
Soldados, lucto de cá!
E tributo á monarchia,
Por dois campos n'um só dia,
Cada qual por sua lei;
Um faz honras á Rainha,
Outro á Princeza, Sobrinha
D'aquelle que jurou Rei!

III

E eil-a que alli vem sem vida
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flor;
E, flor do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Aos filhos não, não lhes basta
Do mundo fallaz ventura
N'este mal!
Mal em que a terra madrasta
Não basta á saudade pura
Filial!

Á viuvez que importa o fausto,
Quando uma alma d'outra alma
Enviuvou?!
Se enviuvou n'um peito exhausto
Toda a flôr d'essa érma palma
Desfolhou.

E eil-a que alli vem sem vida
Que inda era ha pouco viçosa,
Como a flor;
E, a flor do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa,
Resta a dôr!

Oremos todos por Ella!
Que na morte renascesse
Para Deus!
Que Deus, n'aquella hora ao vel-a,
Da dôr escada fizesse
Para os ceus!

Oremos todos; nós temos
D'Innocentes Desterrados
Uma Mãe;
Mãe e Pae, de quem seremos
N'esta prece acompanhados
Lá tambem.

E eil-a que ahi vae sem vida
Que inda era ha pouco viçosa
Como a flôr;
E, flôr do tufão pendida,
Agora da Mãe, da Esposa
Resta a dôr!

IV

Silencio! Eis pára o sahimento ao arco,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu;
O vento agita, de redor dos coches,
Co'a chamma funebre, luctuoso veu.

Que ponto incerto se desenha no alto,
Como vagando na amplidão do ar!?
E baixa, e baixa, semelhando uma ave,
Que já das azas se sentiu cançar.

Baixou mais perto; e, pairando, vê se
Mimosa pomba que dos ceus voou;
Eil-a veloz se precipita agora,
E sobre um carro funeral poisou!

É sobre o carro que levava a c'rôa!
De susto isenta, como poisa assim?
E quêda, quêda... mas de novo o carro
Segue o cortejo... levantou por fim.

Já no successo reflectindo o povo,
Decifra avisos, que lhe vem do ceu
E o sahimento se sumiu na Egreja,
D'esse mosteiro que um Affonso ergueu!

O povo, ás vezes, allumiado na alma,
Dizem que as lettras do futuro vê;
Ou seja Deus que lhe confia o livro
Ou seja o povo que por Deus só lê.

O povo é fóra, pode ser que esp'ranças
Manso ao ouvido traduzindo alli;
Da pomba o caso correrá mil boccas;
Crêem-se ditosos os que dizem — vi.

Lá dentro, em tanto, pela nave triste
Mais triste o orgão na oração gemeu;
E dos levitas lachrymoso canto
Echoou na Egreja que um Affonso ergueu!

V

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na quêda cá sinto o fragor!
E a mystica pomba qual lembra ou esquece
Dos campos oppostos...? — Rogar ao Senhor!

A pomba da Arca, no ramo colhido,
Co'as agoas descendo, fallava de paz;
Findava o castigo, e um povo escolhido
A' terra um Messias comsigo lhe traz.

Aquella hoje poisa, por nova Sybilla,
No carro que leva dos Reis o signal;
Se a c'rôa é do Reino, na pomba tranquilla
Tranquillos agouros terá Portugal.

Os campos oppostos são livres nos varios
Oppostos juizos que podem fazer;
Que ha outros mais altos, fechados sacrarios,
A que homens não podem as portas romper.

Confiemos, pedindo; esp'remos que a pomba,
De paz mensageira, da patria por bem,
Não venha hoje ao lado da loisa que tomba
Trazer injustiças, por mal de ninguem.

De joelhos, soldados, na ultima prece!
Da loisa na quéda cá sinto o fragor!
De joelhos, que a pomba só lembra ao que esquece
N'est'hora solemne — Rogar ao Senhor?

João de Lemos.

(Cancioneiro — 2.º volume — *Religião e Patria*).

A Santa Casa da Misericordia de Lisboa

A Capella de S. João Baptista

(Concluido do n.º 865)

Os bronzes, o lampadario enorme e os tocheiros, as banquetas, tudo de prata dourada e ricamente cinzelada, constituem outras tantas maravilhosas preciosidades artisticas. [1] Muitos d'estes objectos, bem como as alfaias, tapetes, paramentos e ornatos da riquissima capella teem figurado em varias exposições de arte ornamental e encontram se descriptos nos respectivos catalogos. Na capella existem apenas, de ordinario, a banqueta usual de bronze dourado guarnecida de lapis lazulli, os dois grandes tocheiros de prata dourada e o enorme lampadario de tres luzes, suspenso da abobada; e sobre a balaustrada que veda a capella dois formosissimos confessionarios, obra de talha preciosa, que foram restaurados e ali collocados em 1892. [2]

Todos os outros preciosos objectos que constituem o thesouro de S. Roque acham-se arrecadados e foram ultimamente, por occasião da celebração do quarto centenario da Misericordia, dispostos em exposição na sala da sacristia da egreja, a qual ficou convertida em museu permanente, construindo-se em outro logar uma nova sacristia. D'elles falaremos adiante, quando descrevermos a sacristia e o thesouro artistico de S. Roque.

Com respeito á capella, da qual todos os viajantes extrangeiros se occupam com louvor, restanos dizer que durante muito tempo esteve encoberta por um amplo cortinado de damasco vermelho, mostrando-se ao publico só em dias festivos, ou aos visitantes, mediante esportula. O actual Provedor, por occasião da alludida celebração centenal, ordenou que as cortinas fossem retiradas a fim de que a capella se achasse em constante exposição, determinando que tivesse um guarda permanente, que é um ou outro dos velhos asylados do Amparo. [3]

A capella de S. João Baptista, bem como a egreja de S. Roque, estão classificados entre os monumentos de *primeira classe*, de Lisboa, na *Lista dos monumentos nacionaes*, formulada pelo Conselho Superior dos Monumentos Nacionaes, creado por decreto de 9 de dezembro de 1898, e que veiu substituir a antiga Commissão, creada em 1894. [4]

Na doação do edificio foi incluida a capella de S. João Baptista, a qual ficou *ipso facto* sob o dominio legal da Misericordia. Algum diploma, talvez pombalino, que não conhecemos, estabeleceu-lhe, porém, uns administradores puramente technicos ou lithurgicos, que foram sempre monsenhores da egreja patriarchal, os quaes a governaram até 1892.

Esses administradores foram:

1.º Martinho Affonso de Sousa Lobo, monsenhor da Patriarchal, nomeado em data que ignoramos;

2.º Luiz Francisco Xavier Telles de Mello, tambem monsenhor, por aviso de 27 de agosto de 1784;

3.º D. Antonio de Lencastre Baharem, monsenhor, por aviso de 13 de janeiro de 1812;

4.º Joaquim Manuel de Moura e Mendonça, monsenhor, nomeado no primeiro semestre de 1817; [1]

5.º D. José de Lacerda, deão da Sé, até fevereiro de 1877, em que falleceu;

6.º D. João, Arcebispo de Mitylene e Vigario geral, até 1883. [2]

7.º Conego José Antonio Ribeiro Pessoa Cabral, proposto ao Ministerio do Reino em 23 de agosto de 1883.

A estes administradores incumbia velar pela capella e seu thesouro, cuidar das suas missas e festividades.

Esta capella é privilegiada, ninguem n'ella pode officiar senão os Provinciaes e Geraes de qualquer Ordem, os Deões da Sé, Conegos, Monsenhores, Principaes, Bispos, Arcebispos e Nuncio [3] Em varios dias do anno podem n'ella dizer se tres missas, e no dia de S. João officia de Pontifical um provincial da egreja patriarchal. [4]

Em 21 de setembro de 1892 um officio do Ministerio do Reino determinou que as chaves da capella, que até então fôra sempre independente na sua administração, [5] fossem entregues á Misericordia, a qual desde logo (acta de 21 de setembro) deliberou mandar proceder ao inventario dos bens e valores n'ella existentes. Em sessão de 3 de abril de 1893 a Mesa administrativa da Santa Casa nomeou o seu adjuncto Jorge Camelier administrador da capella.

Pelo orçamento do Ministerio do Reino, capitulo 10.º, artigo 33.º, secção 4.ª, ficou arbitrada á capella de S. João Baptista uma dotação de réis 300$000 réis annuaes, receita auctorisada pelo decreto de 30 de agosto de 1892.

Em 31 de agosto de 1894 o adjuncto Camelier demittiu se, por officio dirigido ao Ministerio do Reino, do logar de administrador d'esta capella. [6]

Victor Ribeiro.

[1] A descripção minuciosa d'esta capella foi feita em 1893 pelo adjuncto Jorge Camelier e publicada pela Misericordia em folheto, acompanhado de uma cromolythographia e versão franceza. Já antes o Abbade Castro, tambem adjuncto da Mesa, a descreveu no opusculo intitulado *Carta dirigida a Sallustio amador de antiguidades* e em ambos estes opusculos se descrevem os objectos que constituem o seu valioso inventario. Encontram-se tambem muitos d'elles apontados nos *Catalogos* dos objectos particulares collocados nas exposições philantropicas de 1851 e 1858 (2 folhetos) do mesmo Abbade Castro

[2] Acta de 31 de outubro de 1892.

[3] Pena é que tão acertada medida não fosse completa, mandando tambem retirar de cima do formoso arco as reguas de madeira crivadas de prégos, onde prendiam os cortinados, para ficar de todo limpo e desembaraçado o frontispicio da capella.

[4] Pode vêr-se esta lista dos monumentos, classificados desde a primeira até á sexta classe, no opusculo intitulado: *Monumentos Nacionaes*, publicado pelo sr. Gabriel Pereira em 1900, a pag. 30. Segundo alli declara, a lista foi formulada por uma nota escripta pelo sr. Ramalho Ortigão.

[1] Estes quatro administradores vem citados no vol. XI do *Gabinete Historico*. pag 52

[2] Segundo uma nota autographa do adjuncto Jorge Camelier.

[3] *Gabinete Historico*, pag. 53.

[4] *Idem*, idem.

[5] Officio do Ministerio do Reino, de 19 de março de 1885.

[6] Este artigo é um trecho do livro *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, um volume de 560 pag, ultimamente publicado.

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

Apesar do muito que o alegrava a circumstancia de ter afinal noticias certas de seus filhos, aquellas cartas produziam-lhe no animo pessima impressão. Esperava umas palavras confortativas, qualquer expansão de affecto, ou quando menos, noticias mais circumstanciadas, e recebia apenas uma sêcca indicação. Leu a carta umas quantas vêzes, soprou-a e sacudiu-lhe a areia das letras, e nada mais incontrou de novo. Consolar-lhe-ia a alma o ficar um tanto ou quanto commovido, ter achado assumpto para verter uma lagrima, e em vez disso, só incontrava motivos de agastamento. E com respeito á carta de Milão, foi sempre dizendo «Gêsa, rico filho da minha alma, quanto não terás soffrido!» Quando chegou porem a vez á carta da cunhada e ao bilhetinho da filha, teve uma expansão de ira: «Como está mudada a minha Elsbeth.» Anda por bailes, diverte se, sem embargo de lhe haver fallecido a mãe, apesar de ter o irmão jazendo infermo no leito, e de saber que o pae se acha reduzido á penuria! Apenas tem vagar para rabiscar á pressa meia duzia de linhas, anciosa por calcurriar para o baile, para andar toda a noite aos pinotes com o tal senhor Kahlenberger! Ja nem se subscréve sequer: Tua filha obediente, que as mãos te beja;» e, por muito favor, apenas: «Um beijo da tua Betty.» A tanto chegámos! Tudo, tudo está mudado, até o coração das raparigas! Aquella minha cunhada deitou-m'a a perder! Pedaço de velha presumida, com aquella edade e aquelles ridiculos caracóes! E que carta! Cada palavra, cada tolice! Que não ha medicos que prestem na Transylvania! Que coisa que não seja de Vienna de Austria, não lhe agrada, já se sabe, e mal sabe ella que, em Vienna, a ninguem consegue agradar. Nunca foi bonita nem atilada; e o coronel se casou com ella foi com o sentido no dinheiro. Entre ella e a minha santa espôsa, que differença! — fôra esta ainda viva, santo Deus! fôra ella viva, e não teria eu que me inquietar a tal ponto por causa daquella ingrata rapariga!»

Apezar de todos os pezares, fez quanto pôde, no sentido de apurar dinheiro, não só para mandar ao filho infermo, mas ainda á dansarina da filha. Os rendimentos cubriam apenas as despezas quotidianas, o valor da propriedade dava, porém, margem a qualquer alvitre. Era obvio o ver-se na necessidade de vender fosse que fosse, ou então de contrair um imprestimo. Este ultimo expediente, nas actuaes circumstancias, era das coisas mais difficeis de realisar na Transylvania, e portanto, desistiu do alvitre. E que havia de vender? O mordômo lembrou-lhe que, desfazendo se da carruagem nova e dos cavalos baios podia apurar uma bonita quantia, tanto mais, que de tudo isso se podia muito bem prescindir, o trem estava para ali sem servir, a deteriorar-se na cocheira, e as galinhas iam lá fazer criação, e quanto á parelha, que representava esta apenas um consumo inutil quer de palha quer de fêno.

—E quando eu tiver que fazer alguma jornada, senhor mordômo,—acha então que devo ir de carroça, puxáda a búfalos? Os tres cavalos vão-lhe comer a palha e o fêno ao seu celeiro, porventura,—pois que tanto lhes chora o sustento? que se estraga a carruagem,—e de quem será a culpa, pergunto eu? Trate de mandar concertar a cocheira, e a Maria coxinha que não deixe para lá entrar as galinhas. E eu sem ter conhecimento de cousa nenhuma! Por que m'o não disse ha mais tempo? Em minha casa sou eu a ultima pessoa a quem informam do que occorre.

E assim andamos n'este fadario!

Não se atreveu o mordomo a observar-lhe que, desde que sua illustre senhoria regressára a seus penates, nem uma só vez havia mandado atrelar a carruagem, pois não ia a parte nenhuma. E em vez d'isso, suggeriu-lhe a venda d'um campo contiguo a habitação, ao qual um visinho proprietario trazia de olho, desde longa data, que assim lh'o affirmára o feitor do sobredito, e que por elle lhe daria quantia assás redonda.

(Continúa).

M. Macedo (Pin-Sel)

NECROLOGIA

CEZAR DE LACERDA

A sua passagem pelo theatro portuguez deixou assignalado um bello serviço prestado á nossa litteratura dramatica, e affirmada uma grande individualidade artistica.

Quem o visse agora alquebrado pela velhice e pelo soffrimento não diria que ia alli o homem que durante trinta annos deu lições a muitos dos seus collegas, na forma di tincta da apresentação, no dizer correcto da phrase e no sublinhar expressivo da intenção; o possuidor d'esse segredo de que elle sabia como ninguem tirar partido — : a maneira de estar em scena. Era, sem lisonja, um dos primeiros mestres da scena portugueza.

Na sua carreira, que foi longa, teve triumphos brilhantissimos, e, se em muitos peitos as veneras são ostentação de futeis vaidades, n'aquelle estavam bem as da Ordem de Christo e de Cavalleiro de S. Thiago, ao lado da de cavalleiro de Izabel a Catholica, de Hespanha, que lhe fôra dada em reconhecimento aos seus meritos e talento.

*
* *

Cesar de Lacerda nasceu a 6 de dezembro de 1829 e falleceu em 1 de janeiro de 1903, contava portanto 74 annos de edade, tendo casado com a actriz Carolina Falco, actual societaria do theatro de D. Maria II.

Dedicou-se muito novo á marinha e depois dos preparatorios assentou praça na «Companhia dos aspirantes e guardas-marinhas», entrando depois

EDOUARD COLONNE

para o exercito por occasião da «Maria da Fonte» ao serviço da junta revolucionaria, em Santarem, voltando depois a Lisboa. Desilludido com a politica do tempo entrou para o theatro de D. Maria como discipulo do actor Epiphanio, onde se estreiou a 29 d'abril de 1851 sob tão bons auspicios que desde logo ficou assente a sua nova carreira.

Esteve depois no theatro do Gymnasio, no D. Fernando, em 1856, voltando depois áquelle theatro onde se conservou até 1861, epoca em que o theatro de D. Maria passando para as mãos do governo o contou no numero dos seus escripturados.

Entre 1873 a 1874 exerceu o logar de ensaiador no theatro Baquet, do Porto, durante a empreza Moutinho, e o mesmo logar exercia ali dois ou tres annos antes do incendio d'aquelle theatro.

* * *

Como escriptor lembram-nos as seguintes peças, algumas das quaes tiveram um enorme exito:

A Assignatura d'El-Rei, Duplice existencia, Cynismo, Sceptecismo e Crença, A Probidade, O Martyr, A palavra de Rei, Scenas de Familia, Os filhos dos Trabalhos, Mysterios sociaes, Aristocracia e dinheiro, O defensor da egreja, Trabalho e honra, Homens do mar, Os homens que riem, Viscondes de Alqueidão, Homens e feras, O botão d'ancora, Asmodeu, etc.

Cesar de Lacerda possuia uma grande quantidade de diplomas de differentes sociedades de beneficencia e litterarias do Brazil e de Portugal, dos hospitaes portuguezes do Rio de Janeiro, de Pernambuco, Bahia, Porto Alegre, Pará, Maranhão, Ceará, etc.; Sociedade de Madrepora, do Rio de Janeiro, Gabinetes de leitura de quasi todas estas cidades, assim como o diploma de socio benemerito da Phylantropico-Academica de Coimbra, Membro do antigo Grande Oriente Brasileiro, n'um grau elevado. Lacerda tinha muitos amigos e admiradores n'aquelle imperio, onde as suas peças são frequentemente representadas e acolhidas sempre com o maior apreço. Cesar de Lacerda era tambem «moço fidalgo» com exercicio no paço, herança de familia, tendo os competentes diplomas assignados por el-rei D. Luiz, e actor reformado do theatro de D. Maria II.

Damos sentidos pezames a sua familia e em especial a seu filho o nosso presado amigo e talentoso collega Augusto de Lacerda.

CESAR DE LACERDA

FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE